O nome Ceará

Referentemente á etymologia do vocabulo brazileno *Ceará*—ha duas versões. Antigamente quer os nossos chronistas quer os hollandezes escreviam *Siará* e *Ceará;* ulteriormente prevaleceu a nossa fórma orthographica—*Ceará*

Qual a razão? Vamos dal-a depois de ouvir os nossos *bons* e *excellentes* chronistas.

Ayres do Casal, na sua *Corographia Brazilica*, tom. 2.º, pag. 195, fundado em *um* DIZEM *(tepé pâhan)*, assevera que *Ciará*, no idioma dos indigenas, significava—*Canto da jandaya* (!), que é uma casta de papagaio pequeno e grasnador.

Millet de Saint'Adolphe, no *Diccionario geographico do Brazil*, art. *Ceará*, apoiando-se no precedente escriptor, e em Pizarro *-Memorias historicas do Rio de Janeiro*, tom. 8.º, pag. 221, nota 1.ª, tambem sustenta que o nome vem de uma certa especie de papagaio, que os tapuyos appellidavam *Ciará*. Com quanto outros (Pizarro *et reliqua)* julguem que a origem do nome está na palavra indiana—*suiá*, que quer dizer *caça* (!), e que os portuguezes achando-a com abundancia nos arredores da enseada do Mucuripe serviram-se d'este nome, que por corruptela converteu-se em *Ceará* (sic).

Marcgrav, tratando do actual Estado do Ceará, escreve *Ciará* como os antigos lusos, e Barlæus *(van Berle) Siará*.

No mappa, Barlæus escreve *Ciará*, que era a denominação do pequeno rio do territorio do Rio-Grande do Norte, ao passo que Marcgrav ou melhor João de Laet o chama—*Sirag-minor*.

Segundo Jacob Rabli, allemão ao serviço de Hollanda, *Syrag-minor* ou *Siará-mirim* era a corruptela de —*Ciriapóá-mirim* (por methatese *carapó)* pequeno caranguejo redondo, rubeaceo do alagado, por causa da abundancia d'esse crustaceo no local onde se desliza esse pequeno escoadoiro chamado *impropriamente* rio! De *Ciri-apoá* ou *carápó* se fez por contracção *Ciri-á*, e depois *Ciará!!!*

D'estas combinações exoticas e outros commentarios explicativos vem como empapados os livros dos nossos chronistas!... Isto não é nada. O que mais nos admira é que homens da enfibratura de José de Alencar fossem adeptos fervorosos d'esta especie de mateologia ethnico-*bluglossica!*... O illustre escriptor querendo romantizar, ou por outra, tornar celebre o logar *onde cantou a jandaia* d'*Iracema*, diz que consoante a tradicção «Ceará significa na lingua indigena—*canto de jandaia!*»

Eis como o romancista explica este phenomeno glottico:

«*Ceará* é nome composto de *cemo*, cantar forte, clamar, e *ará*, pequena *arára* ou periquito. Essa é a etymologia *verdadeira*, não só é conforme á tradição, como ás regras da lingua tupy.»

Mas adeante no mesmo livro *Iracema*, pag. 213, falando da celebrada e canora *Jandaia*, diz o seguinte: «Este nome, que anda escripto por diversas maneiras *nhenduia, nhundaia*, e em todas alterado, é apenas um adjectivo qaulificativo do substantivo *ará* (!) Deriva-se elle das palavras *nheeng*, falar, *antan*, duro, forte, aspero, e *ara*, desinencia verbal que exprime o agente: *nh'ant'ará;* substituido o *t* por *d* e o *r* por *i (mirabile dictu)*, tornou-se *nandaia (sic)*, d'onde *jandaia*, que se traduzirá por *periquito grasnador!!!* Do canto d'esta ave, con-

clue Alencar, é que *vem o nome de Ceará*, segundo a *etymologia* (o gripho é nosso) que lhe *dá a tradição!* »

Aqui já não é a lingua tupy que fornece ao romancista a significação do vocabulo *Ce-ára* e sim a *tradição!* Muito bem, *cabireté*. Quanto é feroz a imaginação do homem! Ha aqui manifesto engano, erro notabilissimo que não podemos tolerar n'um homem de lettras da estatura de Alencar.

Se este escriptor lograsse a ventura de viver até o seculo XX e visse e observasse o progresso que a Linguistica americana tem feito de certo tempo a esta parte, não poria duvida em reformar as suas opiniões e crenças indianologas.

Podemos affirmar cathegoricamente que não existe, e nem jamais tivemos conhecimento de semelhante papagaio, *ará-mirim*, ou periquito, cujo canto exprima a palavra — *Ceára*.

O verbo *cémo* na lingua tupy ou guarany não significa *cantar forte*, nem *chamar*, nem gritar, mas sim *nascer, sahir;* v. gr. o cão já nasceu: *jaguara o cémo ana;* elle já sahiu: *ahé o cemo ana*.

O unico verbo que na lingua tupy significa cantar é *nhenhengará*, do sanskrito *ré réimi, aréyé*, louvar, celebrar; cantar; *ná* canto. *gà, geya, gesnu*, o que se pode, ou o que deve cantar, *gan, can, canami*, no latim *cano, cantar, rendre un son, retentir*, são os radicaes sanskritos que mais se approximam da formula Guarany— *nhen'engary*, a qual nada tem de commum ou que ao menos de longe pareça com o estridulo canto da *jandaia*.

Verdade é, que os nossos indios brazilenos conheciam e conhecem uma ave com este nome tupyco de *jandaia*, passaro bem commum em toda a matta do Brazil, o qual tem os encontros do peito e a cabeça amarellos, como tambem conhecemos com o nome de *jandaïra* uma abelha brazilica, de cor escura vermelhada, que produz um zumbido ou ruido quasi semelhante á grasnada das *jandaias* em bando.

Este nome *jan-dáya* é originario do sanskrito *jan, jan, jajâna*, que significa engendrar, produzir, causar (no

grego, *génuo*, *géhnomai*; no latim, *gigno*, *genui*; lith. *gemu*, *gaminuj*, e *jaya*, *djaya* ou somente *daya*, que quer dizer *grito*, *canto de guerra*, de *victoria*, etc. *Jandaya*, quer no tupy, quer no sanskrito significa passaro que produz *som forte*, *ruido* ou *grasno*. No sanskrito os vocabulos *já*, *jan*, *jam*, *jara*— significam *som*, ruido, *canto*, d'onde os derivados *jaykara*, *janadana*, *jarandaya*: o que produz som agudo, barulho, rumor, ruido, etc., como dizem Wilson, Bopp, Westergaard, Johnson, Emile Burnóuf e outros.

Portanto *jandaya* é um nome indigena commum e não podia absolutamente soffrer uma transmutação tão ant'onomatica d'entro d'uma lingua tão rigorosa nos seus preceitos grammaticaes e mechanismo philologico como é a nossa.

Dizer, pois, que *Ciará vem de jandaya* é o mesmo que affirmar—vir *Maranhão do canto do sabiá*;—o que seria um absurdo. como observadas, esdruxulas e arbitrarias são as etymologias forjadas por Ayres do Casal e por Pizarro, que não se apoiam em chronista algum de nota.

A palavra *Ceará* tambem não vem de *suya*, porque este nome, se bem que tupy, não significa *caça*, porem, sim *suaiá*, cauda, *rabo* de animaes, *v. gr. arara-suaiá*, rabo d'arara. Quem sabe se os nossos chronistas não admittiam tambem esta etymologia, como José de Alencar admittiu para a de *Aratanha*, que na sua opinião significa *bico de arara?*

Quanto é absurdo tudo isto!

A palavra *caça*, em tupy, não é representada pelo vocabulo *suia* ou *cuaia*, mas por *çó-ó* ou *sòhó* que quer dizer *caçi*, animal qualquer, que no sanskrito exprime-se pelo termo *só-á*, no grego *zó-ó*, d'onde os termos scientificos de zoolatria, zoologia, zootaxia, zootomia, que tratam dos animaes em geral.

O illustrado senador Thomaz Pompeu de Souza Brazil, conhecido por um geographo de nota, falando da origem d'esta palavra Ceará, sem nada affirmar, disse o seguinte

no seu importante *Dicionario Topographico e Estatistico da Provincia do Ceará:*

« Presume-se que o nome da provincia (Ceará) veio do rio, em cuja barra fizeram os portuguezes, em 1610, o primeiro estabelecimento no logar hoje chamado Villa Velha *(Tauá-cuêra,* em tupy).

O rio nasce *[ce'mo]* da *serra* (ARÁ) de Baturité do lado do norte, dos sertões dos Ratos *[guabyrús]*, dos Pocinhos, e de varios ribeiros que descem ou nascem *(cemo-âra)* da serra de Maranguape de um e outro lado. Um dos braços que nasce da ponta do norte do serrote dos Pocinhos com rumo de S. O., entre a serra do Maranguape a suéste e o Arrodeador, passa perto de Caucaya (Soure) e vem reunir-se a outro braço que, engrossado com os riachos de Jererahú, Gavião e Pirapora, passa por Maranguape, e cahe no braço principal abaixo da estrada de Soure, perto de sua fóz na Villa-Cuêra, legua e meia da cidade da Fortaleza; formando um porto espaçoso e profundo, antigamente frequentado, mas hoje impraticavel por causa dos bancos de arêa, que o rio tem feito na barra; apenas um estreito e incerto canal dá entrada a pequenas lanchas e canôas de pescarias.

Da barra para cima é navegavel por mais de legua com maré cheia: as margens são baixas, cobertas de mangues, e sempre alagadas. No logar Villa Cuêra (hoje sitio do Gouvêa), existem restos de antigas construcções dos portuguezes e hollandezes. Ainda hoje se chama *cáes do hollandez* um aterro (solcaco ou *camericaia)* que lá existe. O rio com suas sinuosidades tem mais de 20 leguas de curso.

O braço occidental, que costeia a serra de Maranguape, corre pelo sertão de creação que se chama *Ribeira*, e só tem agua pelo inverno; o outro braço chamado Maranguapinho, engrossado por varias correntes permanentes que sahem *[cémo]* da serra *[ara]* de Maranguape, ainda nas maiores seccas corre até uma legua distante da serra *(ara)* por um terreno fertilissimo, e plantado de cannaviaes, chamado (na lingua tupy ou brazilena) *Ypú* de Maranguape. »

Eis como um illustrado sacerdote cearense por meio da sciencia paleogeographica veio nos revelar a verdadeira origem tupyca do nome que possue o Estado do *Ceará* situado entre 2.º 45.' e 7.º de latitude meridional e 2.º 30' e 6.º 40' de long. oriental do meridiano do Rio de Janeiro.

Portanto o nome de *Ceará* não se origina, como disse José de Alencar — do *canto da jandaya*, papagaio pequeno, grasnador, bastante conhecido n'aquelle Estado, nem de *suia* como dizem outros, mas sim do *rio* que *nasce* de um grupo de *serras* denominado pelos tapuyas e tabajaras da Ybiapaba — *serra do Ceará*.

Pois como é sabido, os nossos indios e todos os maritimos, no dizer do illustre geographo cearense Thomaz Pompeu «dariam este *nome* de CEARÁ em geral ás TERRAS ALTAS *(âras)* que avistam do mar ao occidente e noroeste da capital, as quaes não são outras mais que as SERRAS de — *Cauhipe*, *Juá*, *Maranguape* e *Aratanha*.»

— CEARÁ vem do adjectivo *ceia*, *celi*, (no sanskrito *ceia*, *citá*, *citi]* quo quer dizer *muito*, o qual, junto ao substantivo *âra*, significa *reunião*, *grupo de serras*. *Ceia* é empregado pelos indigenas para exprimir numero ou coisa que se possa contar, e vem sempre junto aos verbos e aos substantivos que, egualmente como no sanskrito, exprimem *acervo*, *cumulo*, *reunião*, *grupo*, *congerie*, etc., o que prova que a nossa lingua tupy ou *Nenhengatú*, como já observaram os eximios indianologos José d'Anchieta, Montoya y Bandini, é muito mais escrupulosa no emprego de suas palavras, do que muitas das actuaes e *soi-disants* linguas cultas da Europa.

CONEGO ULYSSES DE PENNAFORT.